



Imaginário estético dos afetos em Bachelard

Aesthetic imaginary of affections in Bachelard

Gabriel Kafure da Rocha¹

Thyago Teixeira Farias²

Resumo: Outros lugares e alguns ritmos, para o nosso espaço-tempo a partir da filosofia do imaginário, levam-nos ao seguinte questionamento: como se concebem os afetos em Bachelard? A começar pela reflexão sobre o pertencimento do pensamento bachelardiano a uma ortodoxia estética, que já nos leva a desmembrarmos uma ontologia dos sentidos por meio da relação que as percepções têm com os afetos. Ou seja, há significação estética do toque, cor, som, cheiro, sabor? Os gestos da condição poética do pensar, após a fenomenologia da vitória da materialidade sobre a idealidade, fazem-nos recorreremos à estética como caminho último do pensar e do sentir. É alhures dessa condição que veremos como os elementos são nada mais do que afetos poéticos em Bachelard. Assim, colocamo-nos no lugar de um esteta, para ir da cosmicidade da *physis* microscópica até as miniaturas afetivas que detalham a eterna aproximação da escada do saber com o sentir na filosofia bachelardiana.

Palavras-Chave: Sentidos; afetos; materialidade.

Abstract: Other places and some rhythms, for our space-time from the philosophy of the imaginary, lead us to the following question: how are affections conceived in Bachelard? Starting with the reflection on the belonging of Bachelardian thought to an aesthetic orthodoxy, which already leads us to dismember an ontology of the senses through the relationship that perceptions have with affects. That is, is there an aesthetic significance of touch, color, sound, smell, taste? The gestures of the poetic condition of thinking, after the phenomenology of the victory of materiality over ideality, make us resort to aesthetics as the ultimate way of thinking and feeling. It is elsewhere in this condition that we will see how the elements are nothing more than poetic affects in Bachelard. Thus, we put ourselves in the shoes of an aesthete, to go from the cosmicity of the microscopic *physis* to the affective miniatures that detail the eternal approximation of the ladder of knowledge with feeling in Bachelard's philosophy.

Keywords: Senses; affections; materiality.

- 1 Doutor em Filosofia pelo PPGFIL UFRN, Docente Permanente do PPGFIL UECE e Coordenador do Núcleo PROF-FILO IFSertãoPE.
- 2 Mestrando em Filosofia no PPGFIL UECE, Graduado em Letras e Artes pela UVA-CE.

Considerações Iniciais

O mundo quer se ver. A vontade, tomada em seu aspecto schopenhaueriano, cria olhos para contemplar, para se nutrir na beleza. O olho, por si só, não é uma beleza luminosa? Não traz a marca do pancalismo? É preciso que ele seja belo para ver o belo. É preciso que a íris do olho tenha uma bela cor para que as belas cores entrem em sua pupila. Sem um olho azul, como ver realmente o céu azul? Sem um olho negro, como contemplar a noite? (Bachelard, 1990, p. 31).

A que afetos somos capazes?³ Essa questão não se esgota com respostas oriundas apenas do universo de uma psicologia comportamental ou mesmo da gnosiologia, uma vez que requer a noção do ser *que afeta e é afetado* está em movimento e em interação, não só cognitivamente com os espaços e tempos. Portanto, inclui-se ou soma-se às possíveis respostas ao questionamento inicial, uma reflexão advinda também da dimensão filosófica acerca dos afetos.

[...]Nem mesmo sabemos de que afecções somos capazes, nem até onde vai nossa potência. Como poderíamos saber isso com antecedência? Desde o começo da nossa existência, somos necessariamente preenchidos por afecções passivas (Deleuze, 2017, p.151).

Contudo, a noção do ser *que afeta e é afetado*, neste trabalho, far-se-á por meio da imaginação poética de Bachelard⁴, na qual essa afecção é realizável com resistência e criação. Dessa maneira, distancia-se da acepção espinosana de passividade dos afetos, porém reconhece que haja a potência desses, que age na imaginação material. Para o filósofo francês ao contrário do holandês, “imaginar é prever; não relembrar”, portanto, confere uma relação ativa dos afetos à *forma mentis* humana. Os afetos são ativos ao resistir e ao criar imagens.

A banalidade do próprio mundo e suas materialidades são tomadas pela resistência, pois qualquer que seja a relação, ela não se condicionará a determinismos, porque se baseia no tratamento filosófico conferido aos afetos por meio da matéria imaginada, na qual razão e imaginação operam uma consciência transformante, “que se constitui quando o sujeito, participando da mescla das substâncias, consegue apreendê-las em suas reações mútuas” (Bulcão, 2021, p.226). Desse modo, podemos estar diante de um mundo que se quer ver e direcionarmos mais do que um mero reflexo desse mundo, mas outros mundos imagináveis.

Assim sendo, é de fundamental importância perceber e quiçá estimular os afetos através da imaginação material, sobretudo, nas relações corpo a corpo na sociedade contemporânea, que está cada vez mais comprometida, na medida que

3 “Do Latim *affectus*, que significa disposição, está inclinado a. A raiz vem de *afficere*, que corresponde a afetar e significa fazer algo a alguém, influir sobre positiva e negativamente. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e de suas variações.” (Laplanche, 1983, p. 34)

4 Uma poética por meio da *imaginação material*: materialidade primitiva, causalidade formal; atos de criação. (Bulcão, 2021)

há atualmente entre os corpos em relação, uma zona de distanciamento entre eles, impedindo-os de participarem da criação transformante.

É bem verdade que a virtualização tecnológica, as redes sociais, bem como a medicalização excessiva contra manifestações dos afetos, têm nos impedido de promovermo-nos enquanto humanos dotados de profundidades, ou seja, estamos à deriva, habitando apenas as superficialidades das coisas, anestesiados, inertes, à mercê do discurso da transcendência panorâmica e do progresso, abrindo mão de nossa autonomia imaginativa e poética, domesticando nossas índoles e nossos afetos para fora da matéria viva.

A estética das energias

“Neste universo a energia é uma estética.” (Bachelard, 1995, p. 115).

Partindo de uma estética da energia e do contato, Bachelard nos regala com uma crítica ao vício da ocularidade em que é preciso pensar com as mãos, ora, o que significa isso? Todos os sentidos são contato, as partículas e ondas de luz, som, guiam a audição e a visão; o contato com as partículas atômicas no ar, nos alimentos, com nossas células. Tudo isso é contato.

Entre outros aspectos marcantes em Bachelard, há uma estética baseada na interpretação da imaginação material baseada na materialidade dos elementos, água, fogo, ar e terra. Isto é, nada mais, do que um mergulho profundo na percepção subjetiva das nossas forças psíquicas na sua relação com a natureza, entre outras palavras, uma estética da energia: “Também os valores estéticos são duplicados aqui por valores decididamente psicológicos, até mesmo psicogênicos. Uma teoria das forças, paralelas à teoria da forma” (Bachelard, 1982, p. 67).

Gaston Bachelard procura destacar indiretamente a relevância dos afetos na forma como as pessoas se percebem e se relacionam por meio dos elementos alquímicos: água, fogo, ar e terra. Ele argumenta que os afetos e as emoções estão ligados às experiências e as memórias trazidas por meio dos sentidos. É por meio desse processo que interpretamos e construímos nossa relação com o mundo ao nosso redor.

Bachelard argumenta que os afetos, além de serem um fenômeno subjetivo, desdobram-se pelo fato de que o indivíduo experimenta suas percepções de forma única e diferente. Desse modo, é possível perceber uma crença de que as emoções e os afetos são expressos de forma diferente em cada lugar, cada paisagem, cada casa ou cada quarto. Isso é fundamental na maneira como se vê a relação do indivíduo com o espaço e o tempo, sendo essa relação, intrinsecamente determinada pelas emoções e os afetos. Esse fato é justamente o princípio para compreendermos a relação do indivíduo com o mundo.

Outro destaque nesse sentido relacional indivíduo-mundo-afeto apontado por Bachelard é a importância de seus estudos sobre a psicanálise, que no imaginário

estético não quer mais fazer uma depuração da subjetividade, mas justamente sublimar a objetividade. Desse modo, Bachelard diz que o devaneio é uma forma de “rêverie” (sonhar acordado), capaz de acessar a nossa relação com o mundo e com nós mesmos, momento no qual deformamos a realidade por meio das percepções que formamos de nós mesmos e do mundo. O devanear permite que as pessoas explorem seus pensamentos e sentimentos de forma livre e sem julgamentos; e que isso é fundamental para compreender a relação entre o indivíduo e o mundo.

Afetos Elementais

As palavras, pelo simples efeito da sua presença, não se limitam a convocar umas às outras para engendrar, sucessivamente e segundo uma lógica dinâmica as formas das imagens, mas, pela distribuição de seus duplos “s”, por suas sonoridades bem calculadas, bem orquestradas, sugerem, além disso, os sentimentos e sensações de roçar afetuoso, de doçura e calor, que são estar ligado ao tema, às formas, enfim à imagem (da mãe) que, a partir delas, germina, floresce e metamorfoseia (Therrien, 1970, p. 164).

Para Gaston Bachelard, os quatro elementos da natureza - água, fogo, ar e terra - têm uma relação estreita com as emoções e afetos humanos tal qual a própria astrologia já revelou (Rocha, 2016a). A diferença do pensamento bachelardiano é que esses afetos são uma forma de psicologia primitiva tal qual a alquimia. Desse modo, cada elemento vai sendo revelado na personalidade poético-imaginária de nossa criatividade; a maneira como lidamos com a relação entre as emoções e os afetos é justamente fruto do autoconhecimento que passamos a ter da nossa imaginação. Assim, é possível processar nossas próprias emoções e sentimentos e fazermos delas uma alquimia criativa da união entre esses elementos.

Notamos ainda que, tal qual a medida em que os aspectos femininos e masculinos dos elementos se entrecruzam, muitas vezes é no cruzamento entre um elemento feminino com outro feminino; ou num elemento masculino com outro masculino, é que a elementaridade vai assumindo uma androginia de complementação positiva e negativa. É como se tudo fosse composto de força, energia (ânimus/masculino), mas esta se dualiza num casamento alquímico, como outro elemento se subdividindo em luz (*anima*, feminino) com o onirismo que nossas afetividades ressoam em nosso inconsciente.⁵

Se passarmos a analisar o elemento da água, por exemplo, é visto por Bachelard como uma procura em desconstruir as emoções profundas e inconscientes, ressignificando a água não mais como o elemento vital, mas também como a tristeza, melancolia e mesmo a morte (Rocha, 2019). Ele acredita que a literatura

5 “É por isso que todas as sensações violentas e sentimentos de esforço, energia e choque (de simples solavancos defensivos à agressão ducassiana) devem, mais cedo ou mais tarde, estar relacionados ao fogo. A água violenta, moldada por “borbulhar” e ondas, não é exceção; é a água possuída por um demônio interior, a água invertida, que “mudou de sexo”, nos diz Bachelard; o fogo da raiva o habita. Aliás, não é só no nível da energia que o fogo pode ser matéria?” (Therrien, 1970, p. 176).

nos traz inúmeras evidências de que a água é um jogo entre a superficialidade e a profundidade, em que na primeira camada se avistam os espelhos d'água como reflexividades, mas já nas águas profundas e escuras, estão os medos humanos.⁶

Tais imagens, mesmo as naturais, não nos cativam. Não despertam em nós uma emoção profunda como certas imagens, embora comuns, do fogo e da terra. Como são fugidias, transmitem apenas uma impressão fugidia. Um olhar para o céu ensolarado entrega-nos às certezas da luz; uma decisão íntima, uma vontade súbita devolvem-nos à vontade da terra, à tarefa positiva de cavar e construir. Quase automaticamente, pela fatalidade da matéria grosseira, a vida terrestre reconquista o sonhador que dos reflexos da água toma apenas o pretexto para as suas férias e o seu sonho. A imaginação material da água está sempre em perigo, corre o risco de apagar-se quando intervêm as imaginações materiais da terra ou do fogo. (Bachelard, 2013, p. 22).

O fogo, por outro lado, é visto como sendo associado a emoções mais intensas, pulsantes e talvez até mesmo coléricas, como a raiva e o desejo. Bachelard desenvolve em imagens como a contemplação do fogo numa lareira ou a chama de uma vela pode ajudar as pessoas a devanear, e, com isso, processar melhor as emoções mais intensas.

Várias vezes a criação do fogo se associa a uma violência similar: o fogo é o fenômeno objetivo de uma raiva íntima, de uma mão que se enerva. É, assim, surpreendente perceber sempre um estado psicológico excepcional, fortemente tingido de afetividade, na origem de uma descoberta objetiva. Pode-se então distinguir vários tipos de fogo, fogo suave, fogo sorrateiro, fogo malicioso, fogo rebelde, caracterizando-os pela psicologia inicial dos desejos e paixões (Bachelard, 1999, p. 55).

O ar é associado à relação entre as emoções e a verticalidade, por isso também o medo da queda é um elemento inconsciente ligado ao ar, assim também como a coragem, alegria e mesmo a esperança de uma transcendência (Rocha, 2017). Bachelard acredita que a contemplação do ar nos leva a percepção interpretativa das nuvens e suas formas, ventos e seus uivos e mesmo do próprio céu com suas estrelas.⁷ “Uma imaginação aérea sentirá sem hesitação que é a *ascensão* que decide a harmonia, e viverá sem esforço a unidade estética e moral, a continuidade da emoção estética e da emoção moral desta página.” (Bachelard, 1990, p. 37 – Tradução nossa)⁸

6 “E o inverso também é verdadeiro: tais são os sentimentos que as imagens relativas à água violenta devem despertar em nós. A água violenta sugere ao homem os sentimentos do corajoso nadador e todas as sensações que repentinamente adquire” (Therrien, 1970, p. 167).

7 Os elementos para uma estilística concreta das imagens do ar são menos facilmente identificáveis do que os demais na obra bachelardiana. Eles são, aliás, os mais difíceis de especificar em si mesmos porque as imagens do ar se alimentam de sensações e sentimentos extremamente evanescentes e sutis (Therrien, 1970, p. 180).

8 Alteramos a tradução colocando “...ascensão que decide a harmonia” ao invés de “subida que decide da harmonia” mesmo que no Cap. II, VII se utilize *montée* ao invés de *ascensão*, a palavra e a expressão nos pareceu mais harmônica para a sonoridade portuguesa.

A terra, que para Bachelard muitas vezes foi escanteada na história da filosofia como um não-ser por não ter forma determinada, pode ser associada a emoções mais duras, assim como mais sólidas. A terra revela segurança, estabilidade, ao mesmo tempo, demonstra uma certa dificuldade com as mudanças, pois muitas vezes para isso é necessário que a terra se parta, desmorone, seja erodida (Rocha, 2016b). Bachelard sustenta que os devaneios da terra podem auxiliar as pessoas a se sentirem mais seguras, atentas, mais “pé no chão” em suas emoções e pensamentos.

A força que caracteriza as sensações e os sentimentos ligados às imagens da terra aparece essencialmente como uma dupla força primitiva de catarse e amassamento, ou seja, em suma, um dinamismo de ataque e de transformação elementar, lenta, obstinada e visível, que nos revela a nós mesmos (Therrien, 1970, p. 187).

Em *Terra e os devaneios do Repouso* Bachelard valoriza as imagens como o labirinto, gruta, raiz e serpente, todas essas imagens estão ligadas aos ritos imaginários do autoconhecimento como um interesse afetivo como no prefácio do livro:

Mas a imaginação não se detém ante essas boas razões. De uma substância ela faz imediatamente um valor. As imagens materiais transcendem portanto de imediato as sensações. As imagens da forma e da cor podem muito bem ser sensações transformadas. As imagens materiais nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um *interesse* (Bachelard, 2003, p. 3).

Já em *Terra e os Devaneios da Vontade*, ele traz algumas relações afetivas da terra com o que ele chama de energetismo imaginário dos minérios, forja, pérola como figuras materiais que ressoam do trabalho da imaginação contra a dureza da terra, por isso Bachelard diz que nossa resistência às mudanças é também uma riqueza que explica a substancialização de nossos interesses:

Assim, sentimentos, interesses, conhecimentos, devaneios, toda uma vida riquíssima, vêm ocupar os mais pobres dos minutos tão logo tão logo aceitamos as imagens materiais, as imagens dinâmicas. Um verdadeiro *impressionismo da matéria* expressa o nosso primeiro contato com o mundo resistente (Bachelard, 2001, p. 223).

Bachelard nos convida a uma estética da multiplicidade de sensibilidades, baseada no detalhe e na aproximação, assim, podemos afirmar que o valor da imagem em Bachelard, contraposto ao conceito, é sempre uma percepção primeira, mas que não nasce na realidade, mas sim em nossa imaginação deformadora da realidade com nossas idiossincrasias afetivas.

O método bachelardiano, de acordo com a nossa leitura, consiste numa apreensão do sentido da imagem - e, pois, como observamos, uma questão em aberto no plano da Estética, Tal método, ao retirar

a obra do contexto histórico, inscreve o “fruidor” nos movimentos imagísticos da obra, e tem como meta o acolhimento da imagem poética por parte do “leitor”. (Carvalho, 2010, p. 150).

Uma imagem fundamental para Bachelard é a do ser humano, com seus valores e seu corpo, num equilíbrio integrado pelos signos e símbolos que marcam o seu *cosmodrama*: “O homem, em seus grandes signos, têm um valor cósmico. Todo grande valor estético do corpo humano pode deixar sua marca no universo” (Bachelard, 1982, p. 70).

Esses valores cósmicos da estética bachelardiana nos convidam a uma atmosfera onírica, com pensamentos fantásticos, de um reino estético de invenção.

A epistemologia dos afetos: uma onto-psicologia dos obstáculos

As emoções parecem desafiar a ciência porque introduzem preconceitos, e os cientistas são tão propensos à inferência motivada quanto qualquer outra pessoa. Felizmente, a ciência tem práticas institucionais que ajudam a superar preconceitos individuais, incluindo observações sistemáticas, instrumentos confiáveis, experimentos controlados, ensaios clínicos e revisão por pares (Thagard & Corrêa, 2022, p. 199).

Entre devaneios e obstáculos, é importante ressaltarmos também o aspecto epistemológico das emoções por meio de uma onto-psicanálise. Veltsos (2014) sugere que as emoções sejam obstáculos, já que em *A formação do Espírito Científico* Bachelard nos dá inúmeros exemplos de subjetivações impulsivas do conhecimento: animismo, pré-concepções, vícios da ocularidade, generalizações etc. Podemos considerar esses fenômenos como contradições empíricas aceitas pelo amor que desenvolvemos por elementos, animais, plantas, planetas.

Nesse sentido, ao inaugurar uma psicanálise das ciências, Bachelard caminha justamente no sentido de uma filosofia do não, para questionar o caráter afetivo da nossa cultura científica e afirmar que ela precisa ser “dessubjetivizada”. As pesquisas e investigações podem trazer rupturas que multiplicam e criam novos fenômenos nos quais a purificação da realidade de criação e dominação de uma nova natureza: “Isso porque só na ciência temos que considerar o anormal para definir o normal, o erro para produzir a verdade, e somente na ciência temos que enfrentar a dificuldade, que é, entretanto, um problema frutífero para resolver” (Veltsos, 2014, p. 6).

Quando pensamos em Bachelard numa perspectiva estética da psicanálise dos sonhos e devaneios, uma figura estética parece ter uma reverberação com seu pensamento: o *Sandman* do Neil Gaiman, por exemplo. Esse seriado que foi arrebatador por conta dos conflitos com os quais o *sonho* se depara entre valores mais profundos do ser humano: a morte, desejo, religião. Ou seja, basicamente como nossos desejos e vontades se desdobram no sonho, que por meio do inconsciente está o tempo todo criando e recriando um reino imaginário, mas, no *Sandman*, a

humanidade quer acabar com ele, o rei dos sonhos, e conseqüentemente com a capacidade de sonhar.

Bachelard nos convida então para a possibilidade de sonharmos acordados pela ideia do devaneio e assim acessar um novo tempo, o instante poético, outra categoria importante da ontologia estética bachelardiana.

Nesse aspecto, torna-se inescapável explicitar o sentido em que tomamos o termo ontologia e os motivos que nos levam a reconhecer uma dimensão ontológica na filosofia bachelardiana. Tomamos ontológico no sentido clássico de teoria do ser, já que acreditamos que a camada mais profunda da estética de Bachelard nos remete à sua tentativa de desvelar um registro do real que está além (ou melhor, aquém) de toda facticidade, que traz consigo algo de essencial, tanto no ser do homem quanto no ser do mundo (Câmara, 2012, p. 217).

A partir desse preâmbulo, podemos falar de uma ontologia estética bachelardiana justamente por criar uma relação entre diversas nuances da percepção. A onto-psicanálise que pretendemos argumentar que Bachelard, diferente de muitos autores que se propuseram a colocar e debruçar sua filosofia sobre o campo da estética, não tenta nos ensinar uma maneira de olhar, ou, um modo de enxergar as coisas, nem tão pouco procura justificar como a sua filosofia é mais capaz do que outras para nos ajudar a encontrar e identificar o que quer que seja descrito por ele como “a beleza”.

É assim que podemos assistir a uma narcisização das relações sociais, à importância das interações no desenvolvimento de autoestima, ou, pelo contrário, perturbações da autoimagem no sentimento de autodepreciação e autodesvalorização. O narcisismo é visto como atribuindo uma função primordial no processo de socialização (integração do indivíduo em uma rede de relações, referência a representações culturais e adoção de modelos codificados, suporte dos processos de mentalização dos organizadores socioculturais da representação). A natureza paradoxal do narcisismo possibilita esse deslocamento do individual para o social, ao estabelecer relações identificatórias com o outro (líder, figuras de autoridade, substitutos da imago paterna), que enfocam os afetos e representações inconscientes, previamente mobilizados no Ideal do Eu (Montandon, 1984, p. 128).

Por isso, a reflexão bachelardiana sobre a psicanálise dos afetos, é nada mais nada menos, do que um pancalismo, ou seja, a capacidade de ver a beleza em tudo. O pancalismo é inerente e imanente a uma certa contemplação narcísica que é a “primeira consciência de uma beleza”, que é o desejo de si próprio, de seu mundo, seus sonhos.

O pancalismo é uma vontade de querer e de ver em tudo o belo. Para se *pancalizar* todas as coisas, deve-se primeiro *pancalizar* o ser imaginante, tonificando

o seu élan, sua alma, sua vida, para que se olhe e contemple a beleza com as cores e as nuances que o olhar contém. O belo está em cada ser humano que, na contemplação, encontra o seu próprio narciso.

Considerações Finais

Assim, podemos fazer um arremate final, comentando justamente a riqueza que ainda há no aprofundamento das sensações e afetos nesse aspecto, da noite e do dia, que em Bachelard, diuturnamente nos mostram a beleza da alma humana e do espírito científico, paralelamente contrários, mas complementarmente inconciliáveis. Bachelard tem uma estética aberta para quem quiser nela trilhar sua visão fenomenológica dos afetos, na contemplação da natureza, mas fundamentalmente encontrando a beleza em si, como aquilo que está dentro de cada um de nós e que se espelha nas pessoas.

A fenomenologia da imagem seria assim uma fenomenologia da consciência sonhadora, isto é, de uma consciência dócil, atenta, disponível à espontaneidade da imagem, uma consciência impura, necessariamente associada a elementos afetivos (Pire, 1967, p. 184).

E isso é poesia pura, inspiração, fenômeno da vontade estética, apaziguado pelo instante. A energia é estética; o reino estético não tem manifestações concretas, é criação pura, criatividade. Essa é a então a nossa estética da linguagem, das paisagens, dos horizontes em devaneio. Nossos afetos se tornam reações sublimadas na poesia que nos parece então o primeiro fenômeno da vontade estética humana, sua primeira sensação, sentimento. A poesia é a própria sublimação do afeto em palavras que transcendem a realidade e nos levam a novas imagens possíveis de nossos próprios sentimentos.

Por fim, é assim que acolhemos nossos afetos, independentemente de suas qualidades determinadas pela realidade externa, com energia criadora, cujos elementos (ar, terra, água, fogo) atuam como operadores de imagens *inimagináveis*, num fluxo do devir que transforma tanto aquele que se afeta (poeta, cientista, alquimista, filósofo), quanto aquele que é afetado (leitor, apreciador, receptor, espectador), que seguem unidos na mesma sintonia da matéria-prima geradora de instantes compartilhados, estabelecendo uma relação ética, cujo pacto entre os entes se realiza com os olhos fechados e as mãos abertas, fora do campo onírico de natureza patológica, daí se abre mão de uma *psico-análise* nesse instante bachelardiano; e dentro do campo onírico estético e, por isso, resistente e transformante.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. 1982. *Paysages. Notes d'un philosophe pour un graveur*, Albert Flocon. Lausanne, Suisse : Les Éditions de l'Aire.
- BACHELARD, G. 1989. *A poética do espaço*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- BACHELARD, G. 1990. *O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fonte.
- BACHELARD, G. 1995. *Lautréamont*. Paris: Librairie José Corti.
- BACHELARD, G. 1999. *A psicanálise do fogo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. 2001. *A terra e os devaneios da vontade*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. 2003. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, G. 2013. *A água e os sonhos*. Trad. Antonio Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- BULCÃO, Marly. 2021. *A poética de Gaston Bachelard: mergulho na imaginação*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- CÂMARA, Ana. 2012. “A subjetividade e a estética pictórica de Bachelard.” *Escritos – Revista da Casa Fundação Ruy Barbosa*. Ano 6, Número 6. Acesso em 15/03/2023 Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero06/escritos%206_09_a%20subjetividade%20e%20a%20estetica.pdf
- CARVALHO, M. de. 2010. “Ontologia e Estética: Uma Filosofia do Tempo Poético.” *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, [S. l.], v. 2, n. 03, p. 147–154. Acesso em 31/03/2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/756>
- DELEUZE, Gilles. 2017. *Espinosa e o problema de expressão*. Trad. do GT Deleuze - 12 Coordenação de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34.
- LAPLANCHE, Jean; Pontalis, Jean. 1983. *Vocabulário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- MARIN; Silva; Andrade; Bernardes; Fava. 2017. “Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados.” *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 13(2), pp.92-103
- MONTANDON, Christiane. 1984. “Actualité d'une notion bachelardienne : L'obstacle épistémologique en psychologie sociale.” In AIGB. *Bachelard, L'homme do poeme et du theoreme – Colloque du Centenaire*. Editions Universitaires de Dijon.
- PIRE, François. 1967. *De l'imagination poétique dans l'œuvre de Gaston Bachelard*. Paris: 215 Corti.

- ROCHA, Gabriel. 2016a. "A filosofia da Astrologia: Uma investigação entre Pico della Mirandola e Bachelard." *Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental*. 33/1, pp. 95-111. Acesso em 03/02/2023. DOI: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.5966>
- ROCHA, G. K. 2016b. Investigações sobre o Espaço como Lugar de Repouso em Bachelard. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 2, p. 54-67, 2016b. Acesso em 15/03/2023. DOI: <https://doi.org/10.18766/2446-6549/interespaco.v2n4p54-67>
- ROCHA, G.K.; Madeira, C. 2017. "A metapoética do sonho em Bachelard: uma possibilidade hermenêutica das imagens do ar". *Hermenêutica Intercultural*, v. 1, p. 83-104.
- ROCHA, G. K. 2019. "Bachelard e o imaginário da morte". In: Santos, Amanda Basilio; Brahm, José Paulo Siefert (Org.). *Morte e Simbolismo na Cultura Ocidental*. 1ed. Pelotas: Basibooks, v. 1, p. 101-110.
- SPOLIN, Viola. 1987. *Improvisação para o Teatro*. Tradução: Eduardo Amos e Ingrid Koudela. SP: Ed. Perspectiva.
- THAGARD, Paul; Corrêa, Mônica. 2022. "Emoções e epistemologia". Em *Construção*, n. 12.
- TERRIEN, Vicent. 1970. *La Révolution de Gaston Bachelard en Critique Littéraire - Ses fondements, ses techniques, sa portée*. Paris: Éditions Klincksieck.
- VELTSOS, E. 2014. *The Status of Emotions in Gaston Bachelard's Philosophy of Science*. Inaugural Conference of the European Philosophical Society for the Study of Emotions. Lisbon, Portugal.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.